

UMA AVENTURA ONLINE

- Quem és tu?

- Sou o Sol ...

- Sol?

- Solidão ...

- Que fazes aqui no meu ecrã?

- Estou aqui porque me chamaste.

- Eu? Não entendo! De que estás a falar?

- Bem, como estás sempre a teclar e vives isolada na realidade virtual, pensei que precisavas de companhia e que estavas triste e infeliz.

- Não sei de que falas ou o que queres dizer com isso!! Eu tenho milhões de amigos, sou muito feliz com eles, viajo para milhares de lugares sem ter de pagar nada e, para além disso, tenho muitos seguidores no *tiktok*. Achas que preciso de ti? Parece-te que estou sozinha?

- É isso que consideras ser a felicidade?

- Sim. Sabes, houve um tempo em que não tinha internet e sentia-me triste, desamparada, não tinha amigos e tinha muito medo das pessoas, porque elas não gostavam de mim. Nesse tempo, não apareceste, e aí é que eu precisava da tua ajuda. Agora, tenho companhia o tempo todo, já não sinto o abandono daqueles de que eu gostava e a quem ofereci os meus sentimentos.

- Não, estás muito enganada! Vou contar-te a minha história. Eu era uma menina como tu e adorava estar na internet, era até uma viciada, mas achava que tinha amigos por toda a parte.

- E não tinhas?

- Não, pois eram todos virtuais. A minha mãe disse-me várias vezes “Olha o tempo a mais no computador...”.

- Oh! É a mesma coisa que a minha mãe me diz.

- Pois, mas tu não sabes o que me aconteceu. Certo dia, estava a navegar e recebi um convite de amizade e, depois desse, muitos mais. Pensei que, finalmente, o mundo me oferecia a felicidade verdadeira. Mas, na verdade, fui engolida pelo mundo digital, no qual queria viver. A partir desse dia, andei pelo ciberespaço à procura dos amigos que achei que estavam do lado de lá da tela e não encontrei ninguém. Abandonei o meu nome e escolhi um pseudónimo para poder ajudar as meninas como eu fui um dia, Solidão.

Nesse instante, pequenas gotas salgadas saltaram no rosto da Rita. Esta disse, num tom de voz enrouquecido:

- Eu não sou igual a ti.
- Será? Onde está a diferença?

No momento em que o seu coração ia dar a resposta, acordou... Aí, percebeu que a solidão estava dentro do seu quarto, da sua mente e da sua vida, porque tudo o que tinha era o ecrã de um computador, negro, que não lhe dava nenhuma atenção. O mundo tinha-se reduzido à sua casa e o silêncio era muito assustador.

Então, percebeu como estava errada e, a partir desse dia, começou a sair com os amigos, a falar com a sua mãe e a abraçar o mundo com mais sentimento, coragem e determinação.

Lia Almeida

6.º B

N.º 14